

## Os espaços reinventados na arte de Elaine Tedesco

Um conjunto de fotografias desdobra-se em cadeia, expondo um processo contínuo, ao mesmo tempo, anacrônico. São imagens de uma seqüência narrativa, pois nelas é possível perceber-se a estrutura de um percurso. Entretanto, nessas obras retornam imagens e espaços de outros tempos, re-apropriados agora em novas articulações de sentido. Como se pudessem quebrar o ciclo previamente encadeado, mas não chegam a fazê-lo, apenas entrecortam-no em avanços e retornos desses lugares e tempos.

Paisagens solitárias ou recantos quase esquecidos no interior do Rio Grande do Sul são apreendidos nesses poéticos registros fotográficos. Mas estes guardam em seu âmago, muito antes de tornarem-se fotografias, a intensa vivência da artista nesses espaços. Sente uma comunicação vital com o mundo, que se torna presente como um lugar familiar de sua vida. É a ele que os objetos percebidos e Elaine, como o sujeito que percebe, devem sua espessura.<sup>1</sup> Viaja obsessivamente por essas regiões, até descobrir

---

<sup>1</sup> Cf. Merleau-Ponty, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro/São Paulo: Freitas Bastos SA, 1971.

esses territórios, trazendo consigo muitos dos objetos já presentes em seu trabalho. As obras anteriores, a própria busca atual e o desvendamento de novos sítios constituem um único processo, o que não é capaz de reduzir-se a uma percepção passiva e unívoca de imagens fotográficas. É calcado em acentuada complexidade e traz, com isso, uma pluralidade de elementos que incitam a uma apreensão multifocal: tem-se contatos com diferentes tempos, com apropriações diversas de espaços e objetos e com as variadas conexões que se estruturam entre eles. Uma obra que nos propõe um repensar em profundidade nossas relações com o mundo.

Sob o domínio de um meio técnico que se interpõe entre seu olhar e a mão, Elaine mostra-se indiferente ao automatismo do registro mecânico; ao contrário, entrega-se com ousadia ao questionamento dos objetos de seu olhar. Este último é inquieto e traz à luz estranhamento, fatos que vêm a evidenciar-se na produção dessas fotografias. No processo de fabricação de sua obra, a artista sabe dar a ver, não como ato de evidências visíveis e unilaterais,<sup>2</sup> mas compreendendo-o como uma operação de sujeito, a que revolve, em sua condição instigativa, o real. Desencadeia tensão através das imagens que cria, em ficções de uma aparente veracidade. Essas imagens testemunham que a autoria provém, não apenas de uma competente operação técnica, mas muito mais da proposta

---

<sup>2</sup> Cf. Didi-Huberman, Georges. *O que vemos e o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.

interrogativa que a engendra. A qualidade dessa produção encontra-se precisamente nesse aspecto, no modo de desvendar o real, sugerindo múltiplos significados e fugindo, por essa razão, ao excesso de sentido.

Em produções mais remotas, Elaine busca a evocação, em obras como os *Aparatos para o sono*, “um estado psicofísico, onde se traz à lembrança a imaginação, algo que não está de fato diante de nós”.<sup>3</sup> Nelas faz referência a artefatos para uso do corpo para o descanso, como colchão, travesseiro ou sacos de dormir. Mais tarde, seu trabalho volta-se às questões de lugar, sem abandonar suas propostas anteriores de repouso e isolamento que se mantêm em sua obra. Esta se dilata, pois o espaço agora, e não mais apenas os objetos, propõe o refúgio e a proteção evocados. A ativação do lugar ou do contexto sugere uma leitura muito específica do trabalho e contribui às interrogações dos limites entre a arte e a vida. Sua produção vai muito além da evocação de antes, e deixa aparentes os espaços limítrofes entre o viver e produzir arte.

Elaine edifica abrigos em lugares públicos, *Cabines para isolamento*, nos quais “trabalha na contramão”, conforme afirma, pois utiliza um espaço íntimo (a cabine) como indicativo de seu resguardo contra o estresse provocado pela vida contemporânea nas grandes cidades.<sup>4</sup> Nesse

---

3 Tedesco, Elaine Athayde Alves. *Passagens e desdobramentos entre o repouso e o isolamento na constituição de uma poética visual*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, set. 2002, p.18.

4 Tedesco, Elaine, op. cit.

percurso, permanecem as idéias de reclusão e descanso anteriores, porém essas se configuram nesse momento ao modo de cabines; marcam a questão do lugar, confrontando-se o íntimo e o privado com o público e urbano. Através de objetos e espaços, a arte de Elaine alastra-se pelo cotidiano e nele demarca suas fronteiras, como em sua instalação de 1999, no Mercado Público Central de Porto Alegre. Intervém no espaço da cidade, através de um sutil estranhamento gerado por sua obra nos lugares impessoais das multidões urbanas hodiernas. Seu fazer marca esse fato, trazendo camas ou escadas desprovidas de qualquer menção a aspectos de identidade; ao contrário, elas remetem à despersonalização. A presença de alguém vem a ser indicada pelo objeto que seria utilizado na sua ação, mas a falta e a impessoalidade são aspectos centrais na obra dessa artista. Evoca solidão, o ser humano e seus atos reforçam-se por sua própria ausência.

Mais tarde, ao lançar mão da fotografia para registrar seu próprio processo de trabalho, a artista expõe que “a fotografia torna os trabalhos também imagens de trabalho”.<sup>5</sup> Nessa perspectiva, compreende-se sua proposta artística mais recente, aquela que opera entre o real, sua representação e, ao mesmo tempo, entre a ficção e a ilusão. Não se limita, contudo, a descrevê-lo, tampouco a evocá-lo, como o teria realizado em outros tempos. Agora ele é interrogado, ao inserir nas pacíficas paisagens do

---

<sup>5</sup> Tedesco, Elaine, *idem*.

interior do Rio Grande do Sul cabines-nichos, esses anacrônicos artefatos de seu processo. Cabines reais e paisagens reais, porém ambas hoje se tornam imagens. Qual seria, portanto, o atual sentido de uma cabine de isolamento em um lugar de profunda solidão? O que prevalece, a reclusão da cabine em si, como artefato criado, ou a da paisagem na qual ele se encontra? E essa cabine não estaria indicando, pelo recurso da falta (de alguém que a ocupe), a ação de isolamento, duplamente reforçada na paisagem, que é, por si só, do mais intenso abandono?

Elaine percorre outros recantos de territórios do sul e, nesse trajeto, descobre uma rica fonte de interesse artístico. Uma grande construção de outrora se mantém no interior de Rio Pardo e vem a ser um local importante para seus trabalhos mais recentes. Ao penetrar naquele espaço de uma cooperativa, a artista vê-se surpreendida por um conjunto de sacos de arroz empilhados. Mas não só. Ao lado, em construções próximas, e como lugares interligados, personagens silenciosas e anônimas costuram esses tecidos, compulsivamente enfileiradas diante de suas máquinas de costura. Personagens estranhas, pois trabalham cercadas por pilhas de sacos em torno de si, como oprimidas por eles. Essa cena traz à artista a memória de outras obras que elaborou, nas quais tecia vários desses invólucros de pano e os preenchia com diversos materiais. O retorno persistente desses elementos nas obras, desde cabines, sacos e áreas abandonadas são uma constante no

trabalho de Elaine Tedesco, e ressurgem, nesse momento, percebendo-se que nessas últimas obras os sacos são apreendidos em sua própria invasão nos ambientes, até mesmo chegando a atingir os tetos. A autora dessa captação os transforma em obras, sua ação artística os delimita como tal.

Uma etérea iluminação trama silenciosamente essas cenas, penetrando entre os nichos de arcos repletos de invólucros de arroz. Deles emergem propostas fotográficas que nos incitam a ir muito além de seu caráter narrativo. Uma delas projeta a conhecida cabine de outras obras sobre a superfície ondulada dos tecidos sobrepostos, fato que a faz existir como imagem. Enfim, todo o conjunto vem a tornar-se imagem através da arte fotográfica e evidencia uma questão essencial, o desdobramento de uma imagem sobre múltiplas imagens.

Em outras fotografias, também vêem-se projeções, não mais sobre sacos, mas ao fundo de nichos semi-oscuros. São projeções em recortes retangulares, nas quais em uma delas se percebe uma parede de arroz, intransponível e de impassível isolamento. Em outra, a cabine sobre a paisagem abandonada retorna, porém projetada: uma fotografia projetada, aquele fenômeno luminoso que dramatiza a imagem e contém nela mesma sua própria desmaterialização.

Ao centro dessas obras emerge ainda um

elemento novo: um projetor. Como em toda a produção dessa artista, este remete à ausência humana que efetuará a ação. Seríamos nós, observadores, destinados a simular essa projeção e a descobrir o que mais ela pode oferecer? Ou seríamos nós convidados a acompanhá-la do lado de fora da imagem, inseridos no real, separados do mundo dessas imagens de arte?

A fotografia de Elaine Tedesco não permite, em momento algum, assumirmos a posição de um espectador. O dar a ver dessa artista, por suas condições operativas e não informativas do mundo, levam-no à condição de autor.<sup>6</sup> Este é incitado a refletir e a atuar sobre o real, mesclando nele a consciência de todos os simulacros que, como imagem, cada uma dessas fotografias traz. Não são o real. Remetem a ele. Os meios de produção dessas obras reforçam o dilema sobre a idéia de obra que aqui é apresentada. A artista põe em xeque, a um modo simultâneo, realidade e aparência, verdade e ilusão, objetos e lugares, memória e atualidade; e, mais que tudo, o fantástico retorno das imagens no tempo e no engendramento das próprias imagens, sempre e infinitamente, umas desdobradas sobre outras. Constrói-se e reconstrói-se dentro de sua proposta, ora relacionando objetos com objetos e lugares com lugares, ora voltando ao passado, comparando-o ao presente, ora projetando o futuro. Buscam-se referências, identificam-se signos e seus recursos

---

<sup>6</sup> Cf. Benjamin, Walter. O autor como produtor. In: *Walter Benjamin. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

de estranhamento: diversas possibilidades de operar através dessas desafiadoras obras em relação à realidade.

A partir do aspecto instigativo deste trabalho, nossas relações com o mundo também se repensam, ao se exercer nesse processo um exame crítico do real. A produção de Elaine, ao conduzir a esse tipo de percepção, revela sua especial capacidade inventiva, através da qual trata dos embates da própria arte em seus contatos com a vida, propostos com obsessão e, ao mesmo tempo, de um modo essencialmente poético. Suas vivências (solidão, ansiedade, buscas e descobertas, necessidade de repouso e proteção, reclusão, apropriações...) são tornadas imagens, e estas são propostas como arte.

A produção de Elaine Tedesco, por sua percepção e reinvenção, pesquisas concretizadas como obras e problematizações constantes, transfere ao mundo simbólico todas essas questões. Demarca sua contemporaneidade, ao ultrapassar os limites de qualquer arte fotográfica ou registros de uma instalação. Traz uma dimensão especial à própria arte, a de partilhar de um modo essencialmente lírico e sem ocultar seus valiosos momentos de fabricação, o foco experiencial da elaboração material e técnica de suas obras. Leva-nos a perguntar sobre o verdadeiro sentido da arte, ou melhor, sobre o sentido da arte na vida, através dos inusitados espaços que ela escolhe ou pelos artefatos que engenha e se apropria. Esta é a maior

contribuição da produção dessa artista, imprescindível para refletirmos sobre esse complexo e fascinante campo da produção artística atual; também sobre o exercício sensível que trazemos inerente dentro de nós, lastimavelmente tantas vezes omitido e mesmo sufocado em nossa experiência vital.

*Mônica Zielinsky*

*Maio de 2003*

Mônica Zielinsky é crítica de arte e professora de teoria e crítica da arte na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.